



Revista des discentes do Programa de Pós-Graduação em Sociologia da UFSCar

Resenha do Livro “Um Feminismo Decolonial”

Review of The Book “A Decolonial Feminism”

Maciana de Freitas e Souza¹

O livro *Um Feminismo Decolonial*, escrito por Françoise Vergès e publicado pela Ubu editora em 2020 no Brasil, traz uma análise crítica sobre os impactos do colonialismo na realidade francesa e de países do Sul global, na qual as expressões do racismo estrutural e do capitalismo têm promovido rebatimentos nas experiências e lutas das mulheres racializadas. Vergès é cientista política, historiadora, ativista e especialista em estudos pós-coloniais. O Prefácio escrito por Flávia Rios aponta quais caminhos a ação política do movimento feminista decolonial tem percorrido em prol do âmbito da dignidade humana e da justiça social. Ademais, busca pensar os pontos de afastamento do feminismo branco europeu, chamado de civilizatório por Vergès.

Nesse sentido, em duas partes intituladas “Definir um campo: o feminismo decolonial” e “Evolução para um feminismo civilizatório do século XXI”, Françoise Vergès afirma que para enfrentar as desigualdades sociais com base no gênero, o feminismo antirracista e decolonial se faz necessário. Para além de um processo de outros saberes e práticas, a autora destaca em sua análise que as opressões sistêmicas são sustentadas pela heteronormatividade, o racismo e o capitalismo. Isso posto, menciona que a expansão de serviços e programas de base territorial pautados pelos governos desenvolvimentistas não estão comprometidos com a transformação da realidade em sua totalidade, propondo um “feminismo radicalmente antirracista, anticapitalista e anti-imperialista”. (VERGÈS, 2020, p. 20).

A partir desses entendimentos, Vergès (2020) afirma que é preciso compreender o fato de que as mulheres negras são as mais vulneráveis pelas opressões sistêmicas do

¹ Bacharela em Serviço Social pela Universidade do Estado do Rio Grande do Norte – (UERN). Pós-graduada em Saúde Pública com Ênfase em Saúde da Família pela instituição Faculdade Vale do Jaguaribe. E-mail: macianafreitas@hotmail.com. ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-2291-0411>.



Revista des discentes do Programa de Pós-Graduação em Sociologia da UFSCar

sistema capitalista e que por isso o feminismo decolonial visa enfrentar a colonização do poder e o racismo estrutural que se apresentam no tecido social. Para a autora, esse processo contínuo de desigualdades se intensifica no período atual da pandemia de Covid-19 por meio da “indústria da limpeza”.

Adotando uma perspectiva crítica, Vergès enfatiza que tais atividades são realizadas sobretudo por mulheres negras jovens, de baixa renda ou imigrantes. “[...] O confinamento imposto pelos governos de países europeus para frear a pandemia do vírus torna ainda mais visível a divisão profunda entre vidas tornadas vulneráveis e vidas protegidas”. (VERGÈS, 2020, p. 21-22). Entre os aspectos de vulnerabilidade, destaca os impactos sobre a saúde e a precarização das relações trabalhistas com difícil acesso aos direitos sociais.

Tendo como referência o feminismo do sul global, Vergès traz reflexões sobre o feminismo liberal ou burguês. “O que é o feminismo quando ele se torna uma empresa de pacificação?” (VERGÈS, 2020, p. 30). Para a autora, as pautas políticas promovidas pelo mesmo têm demonstrado no campo do real pouca efetividade na redução das desigualdades. Pode-se argumentar que este resulta “em ideologia de assimilação e de integração à ordem neoliberal, reduz aspirações revolucionárias das mulheres à demanda por divisão igualitária dos privilégios concedidos aos homens brancos [...]”. (VERGÈS, 2020, p. 37). Um dos aspectos centrais no texto de Vergès é a crítica à colonialidade e os desafios na vida cotidiana das mulheres racializadas.

Com base nessas considerações, a teórica traz uma importante análise de caráter estrutural, evidenciando que o colonialismo se constitui na modernidade enquanto elemento central nas desigualdades e violências diversas vividas pelas mulheres racializadas. Nesse processo, o Estado patriarcal, através das instituições, tem reforçado a violação de direitos em curso. Nesse sentido, o feminismo civilizatório, para a autora, coopera com a manutenção do racismo bem como dificulta a organização coletiva para lidar com as questões sociais pois não “questiona a organização social, econômica e cultural”. (VERGÈS, 2020, p. 51).



Revista des discentes do Programa de Pós-Graduação em Sociologia da UFSCar

Neste processo, o Estado, por meio de suas políticas, tem contribuído para a ampliação do sistema de dominação masculina e a manutenção das desigualdades sistêmicas. Segundo Vergès (2020), questões estruturais importantes para mudanças substanciais são deixadas em segundo plano pelo feminismo civilizatório, com mediações voltadas à ordem posta. No cenário francês, indica que as recentes alterações normativas e ações desenvolvidas pelos organismos financeiros internacionais como o Banco Mundial e o Fundo Monetário Internacional têm sido convenientes com os interesses da sociedade burguesa.

A autora argumenta que esse contexto de desigualdades, resultado do modelo patriarcal, tem produzido poucas ações efetivas para as mulheres negras e muçulmanas que residem na França. Desse modo, a autora apresenta a importância de uma visão crítica sobre o papel do Estado e do feminismo civilizatório ou *mainstream*. Por isso ressalta, a respeito da luta feminista, que a “[...] participação das mulheres nos movimentos de libertação nacional ocasiona uma mobilização de instituições internacionais, fundações e ideólogos que forjam discursos, desenvolvem práticas e chegam a recorrer a repressão”. (VÈRGES, 2020, p. 68).

Desse modo, a leitura de *Um Feminismo Decolonial* contribui para compreendermos as desigualdades de raça e gênero sob uma abordagem crítica, ao abordar as práticas orientadas pelo modelo eurocêntrico e patriarcal levadas a cabo pelos governos neoliberais. Trata-se de uma importante referência para analisar as contradições do real tendo como horizonte a construção de uma sociabilidade mais justa por meio da práxis social. “Queremos pôr em prática um pensamento utópico, entendido como energia e força de insurreição, como presença e como convite para sonhos emancipatórios, como gesto de ruptura: ousar pensar para além do que se apresenta como ‘natural’ (VERGÈS, 2020, p. 136).”

Referências



Revista dos discentes do Programa de Pós-Graduação em Sociologia da UFSCar

VERGÈS, Françoise. **Um feminismo decolonial**. Trad. Jamille Pinheiro Dias e Raquel Camargo. São Paulo: Ubu, 2020.

Texto recebido em 06/09/2020 e aprovado em 19/10/2021

DOI: 10.46269/10221.575